

p2

26 NOV 1991

# Abaixo os heterodoxos

JOÃO MELLÃO NETO.

ESTADO DE SÃO PAULO

Trinta dias após a edição do Plano Col-  
lor, tive a oportu-  
nidade de  
conversar com  
a ex-ministra  
Zélia Cardoso  
de Mello. Eram  
momentos difi-  
ceis para a pregação das idéias  
liberais e não intervencionistas.  
Por isso, vale a pena reproduzir  
aqui o diálogo:



— Ministra, o seqüestro da  
poupança está feito, vocês acre-  
ditam piamente que pode dar  
certo. Mas não seria o caso,  
agora, de se propor uma emenda  
à Constituição proibindo o go-  
verno de realizar novamente cho-  
ques desse tipo?

— E qual a vantagem disso?

— As expectativas, ministra.  
Enquanto o brasileiro achar que  
pode haver novo confisco, no  
futuro, ele nunca mais aplicará  
seu dinheiro no mercado finan-  
ceiro. A moeda é o principal elo  
de credibilidade entre o Estado e  
o povo.

— As expectativas não me in-  
teressam. Basta que não haja  
mais inflação e todo mundo volta  
a confiar na moeda.

— E se a inflação não acabar?  
O que gera inflação não é o nível  
torneira. Vocês esvaziaram a ba-  
nheira, mas ainda não consegui-  
ram fechar a torneira, ou seja, o  
déficit público.

— As reformas patrimoniais do  
Estado, o enxugamento das des-  
pesas, as privatizações, a suspen-  
são provisória do pagamento de  
juros da dívida interna, tudo isso  
fará com que o déficit termine.

— Desculpe a insolência, mi-  
nistra, mas o que é possível fazer  
por decreto é fácil. Duro é con-  
trolar as despesas depois, o que  
exige uma luta diária e desgas-  
tante com a burocracia e o cor-  
porativismo dos cartéis públicos  
e privados.

— Não se preocupe, nós sabe-  
mos o que estamos fazendo!

— Mas, ministra...

Não adiantava. Ela havia cor-  
tado a conversa.

Sai de lá convicto de que en-  
contrara um novo Dilson Funar-  
ro, só que de saias. Voluntarista  
ao extremo, acreditava realmente  
que a economia não se administra  
pelas expectativas, mas sim por

força de leis, decretos e sanções.

Minhas preocupações, infeliz-  
mente, se concretizaram. Traba-  
lhei num grande banco e sei que o  
sistema financeiro vive tão-so-  
mente de expectativas e credibili-  
dade. Espalhe-se o boato de que  
um banco vai quebrar e o pró-  
prio boato faz com que o banco  
quebre de fato. Todo mundo  
corre para retirar o seu dinheiro  
e, como nenhuma instituição fi-  
nanceira possui reservas para  
tanto (afinal o dinheiro está apli-  
cado), o banco vai à bancarrota.  
A economia de um país segue o  
mesmo ritual. Se todos acreditam  
nas regras do jogo, todos se  
adaptam a elas. Mas se, porven-  
tura, existe a desconfiança de que  
as regras podem ser traumática-  
mente mudadas, todos tratam é  
de especular. A expectativa de  
um congelamento faz com que  
todos remarquem os preços pre-  
ventivamente. A inflação estoura  
e o governo é obrigado, realmen-  
te, a promover um congelamen-  
to. O medo de um novo confisco  
faz com que todos fujam das  
aplicações financeiras, o que  
obriga o governo a aumentar as  
taxas de juros para atrair capitais  
e, com isso, gera mais inflação.  
Economia não tem muitos misté-  
rios. Além dos conceitos óbvios  
que todos aprendem, intuitiva-  
mente, em casa — não gaste mais  
do que ganha, evite se endividar  
em excesso, faça poupança para  
investir no seu futuro —, existe  
outro capítulo que diz respeito à  
administração do seu conceito  
perante o próximo: seja um bom  
pagador, não trapaceie, honre  
seus compromissos, tenha credi-  
to na praça, etc.

No Brasil, a geração de econo-  
mistas "heterodoxos", lastreados  
numa visão surrealista do merca-  
do, ousou desobedecer a todos  
esses preceitos. A década perdida  
se iniciou, na verdade, em 1986,  
com o Plano Cruzado e os poste-  
riores congelamentos, morató-  
rias, confiscos, trapaca nos índi-  
ces, etc. Estamos pagando o pre-  
ço de tanta imprudência e insen-  
satez. Ninguém investe, o dinhei-  
ro de fora não entra, o de dentro  
quer sair. Inflação, recessão, de-  
salento.

Vamos aprender a lição: em  
caso de dúvida, não adianta usar  
um martelo maior.

■ João Mellão Neto, jornalista, é deputado  
federal (PL-SP)